



EXPRESSÃO E AUTONOMIA NO DISCURSO E NO FAZER DOCENTE: A IMAGEM NA SALA DE AULA

ANDRADE, Claudia Cristina dos Santos¹ - UERJ

OLIVEIRA, Esequiel Rodrigues² - UERJ

RESUMO:

Vivemos em um mundo permeado pela multimodalidade, mas, estranhamente, sua utilização pela escola ainda está distante das possibilidades e necessidades contemporâneas. Desta forma, encontra-se cada vez mais presente no discurso sobre a formação docente a necessidade de se tecer um conhecimento pedagógico sobre os processos de produção tecnológica (FREITAS, 2011), o que temos buscado com a realização de estudos, seminários e o Curso de Extensão "A imagem na sala de aula". O curso de extensão nasce da necessidade de se ampliar o conhecimento e uso da linguagem visual em sala de aula, a partir de demandas apontadas em uma pesquisa exploratória (OLIVEIRA, 2007), e tem como eixo teórico-metodológico o conceito de experiência, aliando as discussões teóricas sobre a linguagem visual nas diferentes áreas de conhecimento ao fazer técnico. Em sua realização, o curso tem oportunizado a reflexão sobre o fazer docente e sua produção discursiva, e aqui, trazemos um recorte desses estudos, uma análise do discurso docente sobre sua produção multimodal, a partir da qual percebemos a necessidade de expressão e autonomia em face das potencialidades dos recursos tecnológicos e os saberes/desejos docentes. Compreendemos, a partir das falas dos sujeitos pesquisados, que o uso das imagens na sala de aula precisa ser repensado, tanto no que diz respeito à compreensão das técnicas de edição e produção, como em relação à potencialidade das imagens como produtora de sentidos na sociedade contemporânea, contribuindo para a formação omnilateral do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente - Imagem e conhecimento - Multimodalidade textual - Linguagem visual.

ABSTRACT:

We live in a multimodal world, but school does not take into consideration its possibilities and contemporary needs. Thus, it is increasingly present in the discourse on teacher education the

¹ Doutora em Educação. Linguagem e Educação pela USP. Professora Adjunta da UERJ. E-mail: claudian-drade@globo.com

² Doutor em Educação. Linguagem Visual, Ensino e Aprendizagem pela UERJ. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: Esequiel@uerj.br



need to weave a pedagogical knowledge about the processes of production technology (FREITAS, 2011), which we have sought in studies, seminars and in "The image in the classroom" extension course, as well. This course stems from the need to broaden the knowledge and use of visual language in the classroom, from demands identified in an exploratory research (OLIVEIRA, 2007) that has as theoretical and methodological concept of experience, combining theoretical discussions about the visual language in different areas of technical expertise to the practice. On its completion, the course has promoted reflection on the teacher and their discursive production. We bring a clipping of these studies, an analysis of discourse about teaching multimodal production, for we see the need for expression and autonomy in relation to the potential of technological resources and teachers' knowledge and wishes. We understand, according to the perspective of subjects, the use of images in the classroom needs to be rethought, both with regard to understanding the technical editing and production as compared to the potential of images as producer of meanings in contemporary society contributing to the teacher omnilateral education.

KEYWORDS: Teacher training - Picture and knowledge - Multimodality textual - Visual language.

I. INTRODUÇÃO

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (GALEANO, 2002)

É uma sala de aula. A cada troca de professor, ou em momentos de dispersão, os olhos adolescentes voltam-se para uma pequena tela, onde imagens estáticas, imagens em movimento, textos escritos e orais, transportam-nos para um outro mundo. O olhar encanta-se com um mar de imagens, e os processos de ensino parecem não dialogar com esse mar. Se na paródia de Gale-

ano havia o desejo de orientação, parece-nos, à primeira vista, que os olhos capturados pela rede virtual não querem companhia externa, só os "espectros" virtuais. Não é novidade que estamos em um mundo marcado pelo avanço tecnológico, encarado, muitas vezes, como determinista nas relações sociais. Redes sociais, blogs, recursos tecnológicos, um mundo, um *bios* midiático, como afirma Muniz Sodré (2006):

O caos estético do hipertexto, o *zapping* da recepção televisiva, o videoclipe publicitário, as imagens dispersas do audiovisual, a fragmentação narrativa influenciam-se mutuamente, concorrendo para a quebra da tradicional linearidade dos repertórios culturais e trazendo o elemento rítmico para o primeiro plano da produção midiática. Vem do ritmo, hoje, cada vez mais veloz e frenético, a estimulação tátil que regula a sensorialidade no interior do *bios*, com o aporte implícito de um novo tipo de sensibilidade.

Parece-nos que hoje é a escola que



precisa "aprender a olhar" uma nova sensibilidade, uma outra vivência. Porém, as relações sociais mantêm e acirram velhas configurações, com a ampliação do poder do capital e a fragmentação dos processos de produção de conhecimento. O avanço tecnológico tem sido encarado de forma determinista, não só nas relações sociais, com a crescente participação social nas redes virtuais, como também nas relações de produção, dentro de uma visão linear da história.

Nas relações de trabalho, temos acompanhado a crescente fragmentação do conhecimento, pois, a partir da segunda Revolução Industrial, quando passam a predominar os modelos fordista e taylorista de produção, a busca pela maximização dos lucros fragmenta a produção e utiliza a tecnologia para uma especialização cada vez mais intensa do trabalhador, tirando deste o conhecimento global da produção.

Partindo do pressuposto de que, enquanto o trabalhador era detentor do conhecimento e da ferramenta, ele também detinha o poder, podemos entender que, a partir do momento em que tais modelos assumem a ciência e a técnica como detentoras do conhecimento, o trabalhador perde o poder. O trabalho intelectual passa a ser mais relevante e determinante nas relações sociais, mediadas, neste momento, pelo avanço de formas de expressão multimodais, em um mundo cada vez mais organizado pela tecnologia e pela virtualidade.

Neste contexto, a escola se vê envolvida em projetos de inserção tecnológica, mas nem sempre consegue utilizar toda a potencialidade dos recursos. Observa-se a ausência e/ou um subaproveitamento de recursos visuais e audiovisuais nos procedimentos didáticos pedagógicos e nos processos cognitivos por parte do professor, como observado nas pesquisas realizadas por Oli-

veira (2007, 2009). Na pesquisa publicada em 2007, ficou patente a necessidade, percebida pelo professor, de conhecer a técnica de produção de textos multimodais e outros recursos tecnológicos.

Em outro momento, quando da realização do II Seminário Linguagem Visual e Educação Básica⁵, a análise do material produzido pelos docentes para suas apresentações revelou diferentes estágios de maturidade do docente, no manuseio da imagem.

A partir dessa demanda, foi proposto o curso de extensão "A imagem na sala de aula", fundamentado na concepção de que a atual estruturação do ensino escolar, no que diz respeito à linguagem visual, ou seja, a linguagem que tem a imagem como suporte, não atende às necessidades da sociedade contemporânea. Compreendemos o trabalho com a imagem como forma de expressão docente, no esforço de comunicar-se e estabelecer relações pedagógicas mais significativas, mas também como importante objeto de reflexão.

Este trabalho analisa as aspirações docentes no que diz respeito à produção de textos multimodais, a partir da análise de uma atividade realizada no curso, refletindo sobre os processos de realização, em um movimento que vai da produção à fala, que revela suas intenções, dialógica e dialeticamente. Busca compreender, por outro lado, como a formação técnica alia-se a discussões sobre os processos discursivos de produção e leitura de textos multimodais, produzidos como atividade do curso, mas voltados para os desejos de produção de processos de ensino mais significativos.

⁵ As pesquisas e os seminários integram o conjunto de ações do Laboratório de Ensino de Desenho e linguagem visual, vinculado ao Grupo de Pesquisas Leden – Linguagem e educação: Ensino e Ciência, sediado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ.



IMAGEM E TÉCNICA NA FORMAÇÃO HUMANA

São poucas as referências encontradas na literatura científica e nos relatos de prática, que indicam um trabalho sistemático com a imagem, e consequentemente, com a linguagem visual, relacionada a um todo sociocognitivo, cultural e político-ideológico, revelando, assim, o pouco reconhecimento, pela educação formal, da imagem e de suas implicações na construção do conhecimento. Porém, vivemos em um mundo multimodal e refletir sobre os textos não-verbais, utilizando-o como fonte importante de produção de sentidos é tarefa fundamental. A multimodalidade linguística é uma forma textual crescente nas comunicações humanas, incluindo-se a pedagógica, em decorrência da inovação tecnológica e a facilitação do acesso às ferramentas digitais, tanto os equipamentos (quadros digitais, celulares, tablets), como o uso crescente de programas com fins didáticos (pptx, editores de vídeo, plataformas de ambientes virtuais) e dos produtos audiovisuais, como filmes e programas televisivos.

A imagem guarda sentidos que parecem não poder ser apreendidos por palavras e há palavras cujos sentidos levam a imagens. Perguntas do tipo "que imagem você forma em sua mente" e "como você imagina este momento", remetem a outro estatuto de conhecimento, a outra forma de percepção, à imagem como um discurso interior, conjunto de ideias que povoam a mente humana e que se referem às imagens do mundo exterior, seja como apreensão objetiva da realidade (como a fotografia), seja como um simulacro ou representação (como a arte figurativa ou os símbolos) ou não-representativa.

Bakhtin (1997), ao se referir aos textos não-verbais, sinaliza a complexa relação entre esses e as palavras, considerando a imagem um signo e, portanto, uma cons-

trução ideológica. Para o autor

[...]Todas as manifestações da criação ideológica - todos os signos não-verbais - banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. Isso não significa, obviamente, que a palavra possa suplantear qualquer outro signo ideológico. Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras. É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictórica [...].
Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas[...]
(BAKHTIN, 1997, p. 38)

Assim, nenhum signo se encontra isolado na consciência, que a ele se referencia verbalmente. Apesar de não considerar que o signo verbal suplante os demais signos, Bakhtin oferece lugar privilegiado à palavra no ato consciente, por sua presença constante em todos os atos de compreensão e de interpretação. Quando percebemos algo, nem sempre conseguimos explicar a percepção, o que ela representa naquele ato (e nem sempre é necessário, basta sentir). Porém, se queremos compreender conscientemente, nossa interpretação passa pela expressão verbal.

Por outro lado, há estudos que se preocupam com as percepções da imagem e como se coloca essa percepção no processo de conhecimento. Almeida Jr. (1997) analisa a função da imagem como um conjunto de ideias, conhecimentos e linguagens buscando um estatuto epistemológico que dê conta da relação sujeito-imagem na contemporaneidade, levando-se em conta que houve



transformações importantes nesta relação, ocupando a imagem um lugar privilegiado na esfera da informação. O autor procura superar duas análises: a estruturalista e a sociológica, representada pelos estudos bakhtinianos. Em relação aos primeiros, critica o caráter abstrato e ausente, esvaziado de seu conteúdo social imposto aos textos não-verbais. Considera que há um avanço na análise bakhtiniana ao reconhecer os índices sociais na construção dos sentidos, mas "subestima o componente psicológico do sujeito que lê a realidade das imagens e *pelos imagens*" (ALMEIDA JR, 1997, p. 3, grifo do autor), resumindo-se à leitura crítico-seletiva dos índices de classe. Assim, nenhum dos dois estudos garantem um estatuto epistemológico para a leitura das imagens, pois desconsideram a percepção do indivíduo. E é com o intuito de compreender o lugar dessa percepção e do indivíduo, sujeito a um bombardeio de imagens pelos meios de comunicação, que Almeida Junior recorre aos estudos filosóficos de forma a empreender um estatuto epistemológico para as imagens, que leve em conta a percepção. Uma das suas hipóteses traz a ideia de que se forma um pensamento plástico, expressão que toma de Francastel (1983, apud ALMEIDA JR: p. 5).

Uma das hipóteses deste trabalho é que diferenciando-se das lógicas convencionais do pensamento, a imagem concreta, captada exteriormente pela visão, acarreta o desenvolvimento de uma atividade mental que faz progredir, de maneira figurativa no espírito humano, um 'pensamento plástico', diferente do pensamento matemático, do pensamento físico, biológico ou político.

Para a discussão da hipótese, o autor caminha pelos estudos filosóficos que buscam compreender a percepção humana. Ao

analisar os conceitos de Merleau-Ponty sobre corpo e atenção, o autor persegue, nas entrelinhas e nas metáforas utilizadas pelo filósofo, a ideia de percepção, galgando uma concepção que inicia o percurso conceitual eleito aqui para tratar das imagens.

O percurso tem a intenção de pensar a relação imagem/subjetividade sob os pontos de vista físico/cognitivo, filosófico e discursivo. A ideia de percepção abriga tanto uma análise filosófica, proposta maior do autor, como permite refletir sobre a imagem de uma perspectiva físico/cognitiva.

O estudo de Almeida Jr. complementa a posição bakhtiniana, alargando-a para a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos na leitura de imagens e em sua apropriação subjetiva. Para isso, o autor vislumbra nas análises de Merleau-Ponty os elementos iniciais para tal empreendimento, a partir do paradigma da dupla reversibilidade, que garante a compreensão de que existe uma circulação de imagens como linhas de força que transportam dados do mundo cultural, exterior, para dentro da consciência, e, desta, para o exterior. Textualmente, Almeida Jr. (1997, p. 246) conclui que:

Merleau-Ponty surpreende novamente. Suspende a metáfora do corpo feito uma folha de duas faces, e, em direção à reprodução do princípio da ambiguidade propõe outra. A alternativa que encontra é a do paradigma da dupla reversibilidade; dois espelhos planos que, colocados frente a frente, multiplicam as imagens indefinidamente, como convém ao homem diante do mundo, que se vê incapaz de não fabricar imagens para o que vê, mesmo quando só observa com atenção distraível. [...] Transportando esse paradigma para a atualidade, é possível mostrar que consciência perceptiva e mundo cultural instauram um campo de presença,



onde as imagens circulam como linhas de força, transportando dados do interior da consciência para o exterior da imagem e da exterioridade da imagem para o interior da consciência, em uma reversibilidade permanente de sentidos.

A conclusão de Almeida Júnior sobre a obra de Merleau-Ponty favorece a ideia de que há uma constante *mediação* na construção de sentidos sobre as imagens, que não se fazem como uma reprodução da realidade, mas sim perpassando a compreensão do indivíduo. O estudo focaliza a percepção, ampliando a ideia que nos traz Bakhtin (1997), pois, ao eleger a percepção do indivíduo como parte do processo de conhecimento o autor preenche um campo que não é objeto da teoria bakhtiniana, qual seja, como aquilo que não é plenamente traduzível pelo texto verbal é transformado em conhecimento pelo homem.

Assim, o papel atribuído à imagem na construção do conhecimento não pode passar despercebido nos processos de ensino, e em consequência, nos processos de formação docente. Aqui, a técnica de produção da imagem precisa ser levada em consideração. Há uma expertise localizada nas mãos dos produtores midiáticos que nos espanta: como isso pode ser feito? Imagens são retocadas, refeitas, deixando de representar a realidade, tal como ingenuamente já se supôs, para criar novas realidades. Técnica utilizada a serviço do capital e dos processos sociais de consolidação de poder.

Hoje nos deparamos com um quadro de inovações tecnológicas na produção que, a princípio, aponta para a requalificação do trabalhador, mas, contraditoriamente, tem revelado o aumento do desemprego. Enguita (1996) busca alterar a contradição entre a nova requalificação do trabalhador, as novas formas de gerência (CCQ, CGT e ou-

tras), e o crescente processo de exclusão e fragmentação remetendo à formação de um grupo de trabalhadores qualificados, os técnicos, ao lado dos demais trabalhadores que, dentro das novas formas de produção, estariam desqualificados, graças ao crescente avanço tecnológico. Porém, ele se opõe a uma visão fetichizada da tecnologia, produto das perspectivas pessimista e otimista deste processo, que apontam, ora para o crescente desemprego estrutural e ora para construção da "sociedade do lazer". Compartilhando com Enguita, outros autores (JAPIASSU, 1995; FRIGOTTO, 1997; LÉVY, 1997), buscam retirar da ciência e da técnica o caráter determinante, entendendo-as como elementos históricos. Dessa forma, sua importância para o trabalho se dá dentro do embate de forças sociais que vão orientar sua concepção e utilização dentro de novos modos de produção, mas, também, por elas serão redefinidas. Este embate nos é esclarecido por Enguita (1996), que chama a atenção para os objetivos da utilização de novas tecnologias no trabalho, que, antes de servir apenas ao aumento do lucro, presta-se, principalmente, ao controle das forças trabalhistas pelo empresariado. Dentro de uma visão crítica do uso da tecnologia não cabe falar em impacto (LEVY, 1997), como se a técnica fosse o único fator responsável pelas alterações e pela realidade que hoje vivemos no mundo do trabalho.

Por outro lado, o crescente avanço tecnológico, apesar de não determinar, envolve de qualquer forma uma reorganização dos processos de trabalho, o que tem exigido um debate acerca das novas demandas do cidadão, tanto no que concerne ao conhecimento, quanto em relação à qualificação, que se refletem diretamente na escola.

A mudança dessa forma de concepção de trabalho tem buscado um novo tipo de trabalhador, que não se limita às qualifi-



cações tradicionais do modelo taylorista/fordista onde se destaca principalmente a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. Nesta nova concepção, o binômio ciência e tecnologia, de uma posição marginal dentro da sociedade, passou para o centro. Consequentemente, a educação científica, na sua relação com o domínio de tecnologias passa a ter destaque.

O trabalho com as tecnologias, hoje, precisa ir ao encontro do exposto por Marx sobre ensino tecnológico. Segundo Manacorda (1986), a concepção de ensino tecnológico pauta-se na "exigência de se fazer adquirir conhecimento de fundo, isto é, as bases científicas e tecnológicas da produção e a capacidade de manejar os instrumentos essenciais das várias profissões" trabalharemos cérebro e mãos, "porque isto corresponde a uma plenitude do desenvolvimento humano." (p. 95)"

Esta ideia de politecnia está ligada à de omnilateralidade, que é a exigência de um desenvolvimento total, completo, multilateral do homem. A particularidade do momento que estamos vivendo, em que sofremos de forma intensa a agudização dos processos de dominação capitalista, através da adoção de políticas neoliberais que apostam na "exclusão dos improdutivos ou 'poluidores' do mundo com sua miséria" (GARCIA e VALLA, 1997), obriga-nos a insistir em um conceito de homem que se oponha ao conceito de homem mercadoria, já que é nessa insistência que reside a possibilidade da luta contra-hegemônica no campo da educação. Um conceito de homem que o coloque no lugar de sujeito de sua história, que na sua práxis cria a realidade e por ela é criado, dentro de uma relação dialética que se opõe à ideia de determinismo que engendra a passividade em face da realidade.

O uso das imagens na sala de aula precisa ser repensado, tanto no que diz res-

peito à compreensão das técnicas de edição e produção, como em relação à potencialidade das imagens como produtora de sentidos na sociedade contemporânea.

II. DEMANDAS DOCENTES: QUE CONHECIMENTOS SÃO NECESSÁRIOS PARA O TRABALHO COM IMAGENS?

O professor não sabe tudo, mas aprende rápido. O professor é um iniciador, por isso ele deve aprender sempre; conhecer a técnica. E mais que a técnica, a tecnologia, a razão pensante da técnica. (Muniz Sodré, 2012)

A atual estruturação do ensino escolar, no que diz respeito à linguagem visual – o suporte da imagem –, não atende às necessidades da sociedade contemporânea. Vivemos em um mundo absolutamente imagético e, no entanto, nós, cidadãos, continuamos a fazer uso dessas imagens de forma intuitiva. Isto revela a distância que separa a escola do mundo, no qual a sociedade lida com a imagem em termos de manipulação, conservação e consumo.

São poucas as investigações teóricas ou pesquisas inseridas no contexto acadêmico, referentes ao trabalho com a linguagem visual, voltadas para as formações docente e discente da Educação Básica. Apesar da existência de muitos projetos que tratam a imagem a partir da Semiótica e de outras teorias da Linguística, da Gestalt e de outras teorias da Comunicação e da Informação, não temos notícia de que algum deles tenha seus objetivos voltados para a construção do conhecimento escolar básico em nível transdisciplinar – e não apenas disciplinar –, o que levaria necessariamente a uma reflexão sobre a mudança de perspectiva nas propostas curriculares, tanto para a Educação Básica, como para a for-



mação docente de nível superior.

Pesquisa realizada por Oliveira (2007), com professores da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro, atuantes na capital e no interior, apresentou um perfil do docente, em relação ao tipo de acesso aos recursos de formação e de material relativos à linguagem visual, de procedimentos utilizados ou não e de seu pensamento a respeito dessa área de conhecimento. Sua pesquisa concluiu que:

- Existe uma significativa falta de formação e informação na área de Linguagem Visual. Durante a formação acadêmica, exceto os professores de artes, os docentes não tiveram contato com este campo de conhecimento, suas possibilidades e limitações. Os professores não participam de cursos nessa área, mas acreditam na melhoria proporcionada pela realização destes em sua atuação profissional;
- Muitos professores utilizam imagens em suas aulas, mas a maioria delas tratadas por outros meios e não pelas novas tecnologias, mesmo tendo acesso a estas na escola ou através de recursos próprios;
- A maior dificuldade apontada pelos professores foi a de avaliar a adequação da imagem aos objetivos de suas aulas, o que se confirmou na quantidade de demandas de curso para esse fim.

Em síntese, o professor manifestou a crença na utilização da imagem como promotora de aprendizagem e uma real necessidade de capacitação para o trabalho com essa linguagem, trabalho este diferente do que tem sido feito na escola básica, na medida em que o sentido da linguagem visual está associado às artes visuais.

A principal pretensão da pesquisa dizia respeito ao envolvimento dos contextos imagéticos do espaço escolar e, nesta direção, foram realizadas duas edições

(2007 e 2009) do Seminário de Pesquisas e Práticas Pedagógicas: Linguagem visual e Educação Básica. A iniciativa teve como objetivo organizar um fórum de intercâmbio de experiências pedagógicas, bem como de divulgação da produção acadêmica sobre o tema, a partir do olhar das diferentes áreas de conhecimento, subsidiando a discussão em torno do uso da imagem pelos docentes que atuam na Educação Básica.

Como parte da avaliação dos resultados obtidos com a proposta do evento, todo material apresentado foi analisado, a fim de identificar o domínio técnico do docente expresso em textos multimodais, nos quais a linguagem visual situa-se como plano de expressão referencial. Algumas descobertas apontaram para dificuldades de elaborações textuais verbo-visuais, outras de dificuldades de manuseio das ferramentas básicas da produção multimídia. Por exemplo, foi solicitado que os relatos fossem sintetizados em apresentações automáticas multimodais na ferramenta Power Point (ou equivalente). Tal exigência constituiu-se num obstáculo para alguns, a ponto de ter sido necessário disponibilizar um atendimento para orientação na produção.

Quanto à elaboração dos textos, muitos trabalhos relatavam experiências (ou pesquisas) com imagem na sala de aula com apresentações exclusivamente verbais. Outras propunham reflexões sobre linguagem visual e conhecimento, utilizando imagens decorativas sem apresentar relação de pertinência entre imagem e tema. Porém, em alguns poucos casos, foi possível constatar o diálogo entre a palavra e a imagem na construção da mensagem; o uso da imagem como meio de elaboração de conceitos, planejado na metodologia da aula ou pesquisa relatada. Tais descobertas foram publicadas nos Anais do 17º COLE.

No campo das ações, está sendo



desenvolvido o Curso de Extensão "A imagem na sala de aula" para atender às demandas técnicas e tecnológicas da Linguagem Visual do docente da Educação Básica, tendo como eixo teórico-metodológico o conceito de experiência, aliando as discussões teóricas sobre a linguagem visual nas diferentes áreas de conhecimento ao fazer técnico. O curso é oferecido pelo Laboratório de Ensino de Desenho e Linguagem visual em parceria com o CEPUERJ⁶, em nível de aperfeiçoamento (192h/a). Neste semestre 2013/1, há uma turma de 15 alunos (docentes) que atuam na Educação Básica na região metropolitana do Rio de Janeiro, em fase de conclusão.

Pensando nas relações entre o desenvolvimento científico e a produção de tecnologia, vemos-as como integrantes da teia social, resultado das ações históricas produzidas pelos seres humanos. Nesta perspectiva, o Curso de Extensão procura, no âmbito da formação docente, lidar com a relação tecnologia-comunicação-sala de aula, em que a análise e a produção de imagens figuram como eixo norteador, com os seguintes objetivos:

- Desenvolver atividades no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, visando a formação docente em linguagem visual;
- Promover a autonomia docente nas ações de planejamento e pesquisa da atividade docente;
- Promover investigações multidisciplinares e interdisciplinares;
- Capacitar o docente para o desenvolvimento de material didático, utilizando diferentes tecnologias de imagem;

- Promover a reflexão sobre a relação entre sintaxe, semântica e pragmática aplicada à leitura de imagem e a produção de imagens.

O curso se estrutura em torno da ideia de ação/reflexão, colocando os docentes em contato com os instrumentos tecnológicos necessários para a produção/edição de imagens, e material teórico sobre a relação da imagem com outras áreas de conhecimento. Para tal, está dividido em dois módulos. O primeiro, Conceito e técnica, busca discutir conceitos básicos e propiciar o contato com ferramentas de edição e composição, através das disciplinas Edição de imagem, Imagem Desenhada I, Imagem e Linguagem, e Tecnologia gráfica e Matemática.

O segundo módulo avança na abordagem conceitual, propondo também a construção dos textos multimodais. O processo de avaliação tem como instrumento a realização de seminários em uma perspectiva interdisciplinar. Além das aulas regulares, consta das atividades do curso a realização de palestras e visitas guiadas a espaços culturais nos quais a informação e o conhecimento têm a comunicação mediada por diferentes tecnologias.

IV. DISCURSO DOCENTE E SUA PRODUÇÃO MULTIMODAL

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento

⁶ Centro de Produção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; o seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade humana; (por isso ela é precisamente tão múltipla (vielfach) quanto múltiplas são as determinações e, essenciais e atividades humanas), eficiência humana e sofrimento humano, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2004, p.108)

A expertise desejada em relação à técnica de produção de/com imagens foi a grande busca dos professores analisados nas pesquisas apresentadas nos momentos anteriores deste texto. Para compreender as percepções docentes sobre seu fazer, suas expectativas, limitações e realizações em relação ao manejo das imagens, a análise caminhará sobre o cotejo entre as falas e as imagens produzidas dos professores. As falas foram transcritas de entrevistas feitas sobre um produto realizado durante o curso de extensão "A imagem na sala de aula". As imagens foram recortadas de suas produções.

Para realizar o cotejo entre falas e produções, apresentamos, em balões, a fala sobre a imagem realizada, enquanto os enunciados gerais estão nos textos entre aspas.

A primeira fala⁷ analisada revela que o interesse pelo curso nasce da curiosidade sobre as potencialidades do uso da imagem, mas que nasce de demandas do docente:

"Bom, a minha motivação em fazer o curso foi (...) o que me chamou atenção de cara foi o nome: a imagem na sala de aula. Eu fiquei curioso, li a ementa... eu achei

interessante a ideia de você saber um pouco mais sobre imagem para trazer para a sala de aula.

A imagem tem um poder muito forte, ainda mais nos nossos alunos, né?"

Sua fala ratifica o que a pesquisa de 2007 apresenta: há um forte interesse do professor em poder manipular as imagens, mas, para isso, é preciso superar a deficiência técnica, que oprime as possibilidades de expressão docente. Como um processo discursivo, manejar imagens reveste-se de uma forma de expressão docente. Suas falas apontam os processos de construção sobre os quais podemos refletir, indicando, em especial, as limitações, que aqui caracterizamos como opressão: ao não conseguir dizer o que se deseja, pelo uso dos textos multimodais, limita-se a expressão e a autonomia docentes.

A segunda fala⁸ nos remete a uma necessidade: contribuir com o aprendizado de alunos surdos.

"A minha ideia foi preparar uma aula sobre conotação e denotação para os meus alunos do sexto ano.

A ideia foi fazer uma apresentação em ppt porque eu tinha alunos surdos e ouvintes. A proposta era que a escola se tornasse um polo para alunos surdos, devido a questão da inclusão.

É muito difícil, para mim, trabalhar com alunos surdos porque eu não tenho esse treinamento: ele é muito visual. Então, às vezes eu estava fazendo eu estava explicando uma coisa, e os demais estavam entendendo e os surdos não, pois eles não têm essa referência. Eu pensei: preciso fazer alguma coisa que

⁷ Depoimento do aluno Maicon da Silva do Carmo – professor de Artes visuais.

⁸ Depoimento da aluna Carla Vidal Oliveira – a professora de Língua Portuguesa e de Língua e Literatura Espanhola.



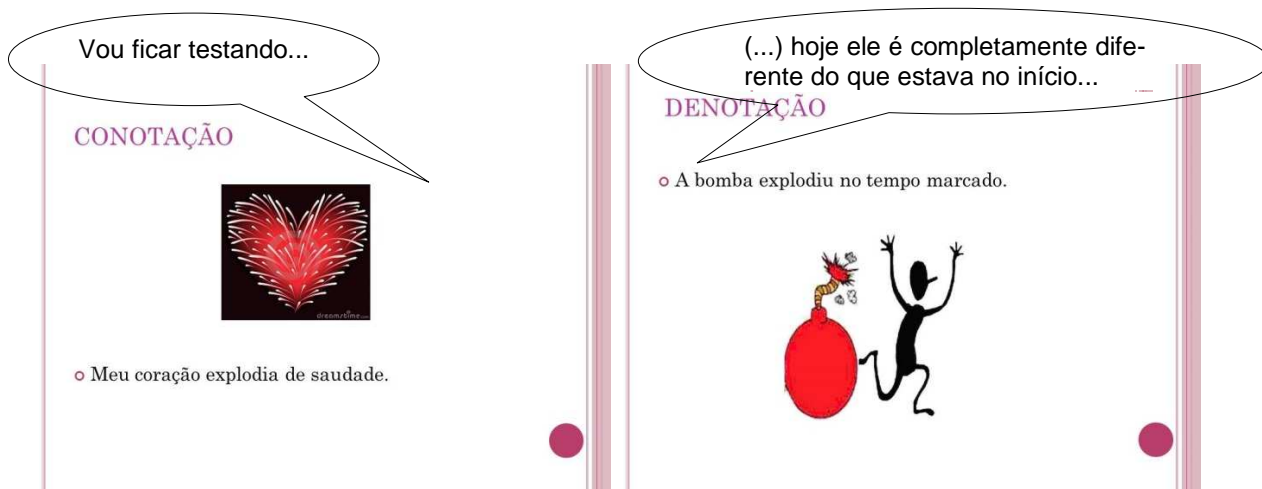
alcance a todos.

Então para preparar esta aula sobre conotação e denotação eu comecei a buscar imagens que tivessem a ver com aquele texto, com os exemplos... A minha ideia foi essa, definir com os alunos o que é conotação, mostrar alguns exemplos através de frases com ilustração. Passei a desenvolver a aula dando exemplos com imagens para que eles fossem dizendo quando se tratava de conotação ou denotação e depois pedi que eles buscassem os próprios exemplos.

(...) Antes de fazer o ppt eu pensei em outras alternativas: levar imagens, desenhar... Eu tinha interpretado na sala, mas, às vezes, ele precisa ver! Os dois alunos surdos eram diferentes: um estava alfabetizado na linguagem dos sinais e a outra não. Nenhum dos meus alunos eram iguais na sala de aula, mas a diferença desses dois me fazia suar um pouco."

Aqui, a necessidade de dizer através das imagens significava a possibilidade de fazer compreender um conceito abstrato.

"Eu não sabia fazer, quer dizer, às vezes você arrisca alguma coisa, mas nem sempre é o resultado que você quer. Por exemplo, enquanto eu fui elaborando o trabalho, esse foi o primeiro trabalho..." Figs⁹. 1, 2 e 3.



Figs. 1 e 2

⁹ Fonte: as figuras 1, 2 e 3 foram extraídas de trabalho intitulado "Conotação e Denotação" e produzido pela aluna Carla Vidal Oliveira, em aula, durante o curso.



Fig. 3

A perspectiva dessa fala diz respeito às possibilidades técnicas: como dizer o que preciso com os textos não-verbais? A possibilidade encontrada foi apresentar uma imagem que expressa o dito pelo texto verbal, configurando a materialização de uma abstração (o coração explodindo de saudade). A necessidade de comunicar, de afetar pela imagem, exige um esforço criativo, e um exercício de alteridade: é preciso compreender o que se passa pela experiência discente, para tentar um canal, uma ponte que o ligue àquilo que se quer dizer (a informação). A inversão dos quadros, proposta pela docente, indica a ideia de que a denotação, como representação do dizer literal, deve ficar antes do dizer metafórico, o que pode ser corroborado com o conceito que nos traz Orlandi (1995, p. 41), quando a autora aponta a redução do não-verbal ao verbal como produtora "do efeito de transparência, da informação, do estável (ou, pelo menos, do diretamente decodificável)".

A terceira¹⁰ professora também sinaliza o silenciamento como limitação do desejo de comunicação:

"A maior dificuldade para mim foi a técnica: montar, sincronizar... A

¹⁰ Depoimento da aluna Luciana Dias da Silva Messeder – professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

questão das imagens ainda não estarem no mesmo tamanho, e eu quero ver se eu mudo. O peso também, do Power Point, as imagens menos pesadas pode facilitar a exibição...

Quando começam as imagens eu quero mostrar as forças da natureza.

(...) Eu quero provocar, e isso foi pensado." Figs.¹¹¹², ⁵¹³ e ⁶¹⁴.

¹¹ Fonte: as figuras 4, 5 e 6 foram extraídas de trabalho intitulado "Retratos da Escravidão", produzido pela aluna Luciana da Silva Dias Messeder, em aula, durante o curso. As fontes das imagens que compõem as referidas figuras estão relacionadas nas referências subsequentes.

¹² A figura 4 contém quatro versos do poema Navio Negreiro, de Castro Alves, referenciado na bibliografia e mais cinco imagens, assim identificadas: 4a (anúncio de jornal), e no sentido horário 4b, 4c, 4d, 4e, cujos créditos estão listados nas referências iconográficas.

¹³ A figura 5 contém transcrições do depoimento da autora e mais três imagens, assim identificadas: 5a (no alto à esquerda), e no sentido horário 5b e 5c, cujos créditos estão listados nas referências iconográficas.

¹⁴ A figura 6 contém quatro versos do poema Navio Negreiro, de Castro Alves, referenciado na bibliografia e mais duas imagens, assim identificadas: 4a (no alto à direita), e no sentido horário 4b, cujos créditos estão listados nas referências iconográficas.



O meu objetivo é sensibilizar para a poesia abolicionista trazendo esses retratos do século XIX, da escravidão.

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!



Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!



Fig. 4

Sensibilizar: o desejo de tocar o Outro. As imagens escolhidas dialogam com a música, um ponto de candomblé marcado pelo ritmo forte do tambor. Sensibilizar pelo choque, pelo estranhamento, pela visão da dor, do sofrimento, da humilhação, mas também da força evocada pelos semblantes e pelas imagens da natureza. Revelam, por outro lado, a relação estabelecida pela docente entre as forças naturais e a espiritualidade dos africanos escravizados. Talvez uma oposição que circula socialmente, que relaciona as imagens dos "brancos" à urbe, e os "negros e indígenas", à natureza. Para sensibilizar, são postos em jogo os saberes docentes, por sua vez imersos na discursividade produzida socialmente.

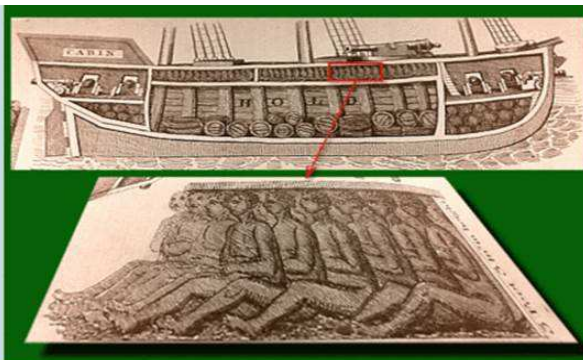


Essas imagens
pretendem colocar a
questão da resistência
negra, de outra cultura,
da religiosidade, do
respeito à diversidade...

...E sincronizar a música
para dar intensidade
dramática para essa
coisa abominável que é
a escravidão.



Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...



Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Figs. 5 e 6

Em outra perspectiva, o trabalho com os textos não-verbais não se resume às possibilidades técnicas, mas às condições de produção de sentidos, contribuindo para a postura crítica em relação aos textos multimodais que circulam socialmente, como se pode depreender da continuidade da primeira fala:

"A minha chegada no curso, a primeira aula foi a que me marcou mais. Foi assim, a gente teve uma aula da Claudia, imagem e conhecimento... Quando eu vi o vídeo da menina, foi pra mim um choque mesmo. Essa é a palavra: eu achei muito interessante a maneira como a imagem, a imagem em movimento, mesmo. Colocada. Em toda influencia midiática da cultura de hoje pode influenciar uma criança, um jovem, enfim. Eu achei interessante como a menina chega com um olhar inocente, distraída de tudo isso... No momento que ela para e começa a ver uma imagem, e aquela imagem leva a outra, e recorre a outras coisas e no final desse processo: de várias imagens, várias propagandas e tudo mais; pintura, filme, no final de tudo isso ela mudou." Fig.¹⁵ 7.

A imagem causou mudanças naquela menina, na vida dela.
E ela sai com um olhar diferente e perde aquela inocência.



Dove Onslaught

Fig. 7

¹⁵ Publicado no Youtube. Ver crédito nas referências iconográficas.



"Bom, de que maneira eu posso trazer a reflexão para os alunos disso? De como eles são bombardeados por imagens e como essas imagens tem uma intenção sempre. Não é mero acaso. E eu sinto que às vezes a gente mesmo, na correria do dia-a-dia, não atenta para essa quantidade de coisas que a gente tem acesso e não absorve."¹⁶

A propaganda, objeto da reflexão do docente, traz uma sequência que desvela a manipulação das imagens em prol de uma construção do conceito de beleza. É um alerta à opressão exercida pela indústria da beleza, que contribui para o adoecimento de meninas. Desvelar os processos de produção é uma forma de constituir o olhar mais atento para a produção midiática, nos indica Fisher (2003), e a preocupação do docente caminha nesta direção, quando fica perceptível uma nova sensibilidade para a relação entre produção de imagens e construção da subjetividade do educando.

A análise das falas e das imagens produzidas aponta alguns indícios iniciais, ainda há muito a discutir, pois o exercício de se debruçar sobre a produção docente ainda não encontra lastro na pesquisa. Um primeiro indício diz respeito às condições de produção das falas: a primeira é de um professor de artes/desenho, mais habituado à técnica, enquanto as outras duas são de professoras de línguas, afeitas às discussões sobre produção de sentidos. Assim, enquanto o primeiro preocupa-se com os sentidos, as docentes ressentem-se pela limitação da técnica. O segundo indício aponta para as relações entre os discursos que circulam na sociedade e as intenções do dizer, reveladas pelos comentários feitos sobre a produção multimodal.

¹⁶ Segunda parte do depoimento do aluno Maicon Silva do Carmo

Tais indícios levam-nos a ratificar a necessidade de espaços de formação docente que levem em conta os diferentes aspectos da produção dos textos multimodais: não só a técnica, mas toda a discursividade que envolve o processo de produção de sentidos.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor sempre foi pensado como aquele que fala e escreve, ou seja, que expressa seus saberes através de textos verbais, mesmo quando lida diretamente com os textos não-verbais (em algumas áreas, como a Matemática, e Física), que são usados, de forma geral, em uma função meramente auxiliar. Em contrapartida, a produção de textos na contemporaneidade se apoia cada vez mais nas imagens como fortes produtoras de sentidos, que vão contribuindo para a consolidação de conceitos e percepções de mundo.

Nas falas analisadas e nas aspirações docentes, o desejo pela técnica alia-se à necessidade de atentar para este mundo multimodal, e trazendo-o de forma significativa para as práticas docentes, cuja expressão carece de possibilidades comunicativas alicerçadas nas diferentes linguagens.

A formação docente, neste sentido, precisa contar com a técnica, na perspectiva crítica, de forma a contribuir com a constituição da totalidade, da omnilateralidade, como nos aponta Marx, enquanto vocação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, CASTRO. **O navio negreiro – Tragédia no mar**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/>



DetalheObra-

Form.do?select_action=&co_obra=1786,
acessado em 19/04/2013

ALMEIDA JR., João Baptista. **Imagem e conhecimento: análise das concepções representacionista e fenomenológica e suas implicações na educação.** Tese de doutorado. Unicamp, 1997. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000114223>

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1997.

ENGUITA, F. Tecnologia e Sociedade: a Ideologia da Racionalidade Técnica, a Organização do Trabalho e a Educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 13(1):jan-jun, 1996, pp.39-52.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org). **Escola, tecnologias digitais e cinema.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Produtividade da Escola Improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** São Paulo: Cortez, 1993.

GARCIA, Regina Leite e VALLA, Victor. A fala dos excluídos. In **Caderno Cedes**, Campinas: Papius, no. 38, 1997.

JAPIASSU, Hilton. **A Revolução Científica Moderna : De Galileu a Newton.** São Paulo: Letras e Letras, 1997.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna.** São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Bontempo, 2004.

OLIVEIRA, E. R.; FELLOWS, M. R. M.; DAVID, Maria Ignez Rocha; IZAR, S. B. **Formação em Linguagem Visual.** In: GRAPHICA 2007 - VII International Conference On Graphics Engineering For Arts And Design, 2007, Curitiba. Anais do GRAPHICA 2007 - VII International Conference On Graphics Engineering For Arts And Design. Curitiba: UFPR, 2007. v. 1.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In **Revista Rua**, Campinas, UNICAMP, março de 1995, nº 1, 35-48.
SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis.** Afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. **Antropológica do espelho.** Petrópolis: Vozes, 2002.

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

Figura 1 – Carla Oliveira – Conotação e Denotação. Trabalho produzido em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAp-UERJ: 2013.

Figura 2 – Carla Oliveira – Conotação e Denotação. Trabalho produzido em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAp-UERJ: 2013.

Figura 3 – Carla Oliveira – Conotação e Denotação. em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAp-UERJ: 2013.



Figura 4 – Luciana Messeder – Retratos da Escravidão. em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAP-UERJ: 2013.

IMAGEM 4a – Sem título. Disponível em <http://heloisahmeirelles.blogspot.com.br/2012/08/o-almanak-laemmert.html>.

IMAGEM 4a – Sem título. Disponível em <http://heloisahmeirelles.blogspot.com.br/2012/08/o-almanak-laemmert.html>.

IMAGEM 4b – J. H. Papf. "Babá brincando com criança em Petrópolis. C. 1899. Coleção G. Ermakoff. In: Ermakoff, op. cit., p. 98.

IMAGEM 4c – Fotógrafo não identificado. "Escravos presos por correntes, aguardando embarque na África". Coleção Particular. In: Ermakoff, op. cit., p. 21.

IMAGEM 4d – Sem título. Disponível em <http://aqueimaroupa.com.br/2009/11/06/direitos-humanos-iv-sobre-escravidao-e-servidao>, acessado em 19/04/2013.

IMAGEM 4e – Fotógrafo não identificado. "Senhora na liteira com dois escravos, na Bahia. C. 1860". In: Ermakoff, op. cit., p. 73.

Figura 5 – Luciana Messeder – Retratos da Escravidão. em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAP-UERJ: 2013.

IMAGEM 5a – <http://meioambiente.culturamix.com/natureza/tempestade-de-raios>, acessado em 19/04/2013.

IMAGEM 5b – <http://leonecir.blogspot.com.br/2012/01/tempestades.html>, acessado em 19/04/2013.

IMAGEM 5c – Sean Heavey/Barcroft Media. Disponível em <http://atramabacana.blogspot.com.br/2012/04/tempestade.html>, acessado em 19/04/2013.

Figura 6 – Luciana Messeder – Retratos da Escravidão. em aula, durante o curso de extensão: A Imagem na sala de aula. CAP-UERJ: 2013.

IMAGEM 6a – "Esquema mostrando como eram transportados escravos em um navio negreiro". Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Tráfico_negreiro, acessado em 18/04/2013.

IMAGEM 6b – Disponível em <http://blogdepoesiasdojeferson.blogspot.com.br/2012/06/vou-jogar-no-mar.html>, acessado em 19/04/2013.

Figura 7 – Vídeo disponível pelo Youtube em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ei6JvK0W60I&hd=1>.